

Reflexões sobre o gênero projeto de pesquisa de iniciação científica: uma experiência com a Língua Portuguesa no ensino fundamental

Reflections upon the scientific research initiation project genre: an experience with Portuguese Language Teaching in middle school.

Ícaro Weimann Aguiar¹; Adriana Letícia Torres da Rosa².

Resumo

O objetivo deste estudo é analisar os resultados de uma experiência de ensino-aprendizagem do gênero projeto de iniciação científica no 9º ano do ensino fundamental realizada no contexto de aulas de língua materna. Apresentamos uma proposta de didatização do gênero projeto de pesquisa científica realizada com uma turma de ensino fundamental a fim de discutir as potencialidades de trabalho sistemático com a pesquisa científica em Língua Portuguesa no ensino básico. A pesquisa consiste em um estudo qualitativo de caráter descritivo-analítico dos resultados apresentados. Foi desenvolvida numa escola pública federal de educação básica, no âmbito das aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do ensino fundamental no ano de 2015. Entre os sujeitos da pesquisa estão a professora-supervisora do Colégio e o licenciando regente, que aplicaram colaborativamente o projeto de ensino, bem como atuam enquanto pesquisadores, realizando um processo de ação-reflexão com perspectiva de qualificação de novas abordagens pedagógicas.

Abstract

The objective of this study is to analyze the results of a teaching-learning experience of the genre of scientific initiation project in the 9th year of elementary education carried out in the context of mother tongue classes. We present a proposal for the didatization of this genre in order to discuss the potential of systematic work with scientific research in portuguese language education. Our study consists of an analytical-qualitative description. It was developed in a federal public school of basic education, in the scope of the Portuguese Language classes in the year 2015. Among the subjects of the research are the teacher-supervisor of the College and the university trainee of letters course, who applied the project collaboratively of teaching, as well as acting as researchers, carrying out an action-reflection process with perspective of qualification of new pedagogical approaches.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Projeto de pesquisa. Iniciação científica. Ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Keywords: Text genres. Research project. Scientific initiation. Portuguese Language teaching/learning.

Introdução

Pensar em caminhos possíveis para que se efetive uma educação linguística mais adequada à escola da contemporaneidade implica que reconheçamos o caráter dinâmico e

¹ Mestrando em Educação na Universidade Federal de Pernambuco. iweimanna@live.com

² Doutora em Letras. Professora de Língua Portuguesa da UFPE, Colégio de Aplicação. adrianarosa100@gmail.com

historicamente situado do processo educativo. Partimos da premissa de que a sociedade se reorganiza à medida que evolui, de tal forma que passa por mudanças inerentes ao contexto sócio-histórico que a situa. Sendo a educação uma prática social inserida nesse cenário de dinamismo, entendemos que também ela muda ao longo do tempo, adquirindo novos fins e servindo a demandas que não existiam outrora. Nesse sentido, à medida que avançam os estudos nos campos da educação e das ciências da linguagem – sobretudo na interseção entre eles, considerando que é no bojo desse entremeio que o presente trabalho está situado –, enxergamos a necessidade de que o ensino de Língua Portuguesa no Brasil seja repensado com vistas a dialogar mais apropriadamente com as demandas hodiernas do alunado pelo qual a escola se encarrega.

Ao assumir a existência de uma nova gama de funções sociais atribuídas à escola, Mendonça (2005) aponta para a necessidade de essa instituição se reconhecer como formadora de cidadãos que possam atuar efetivamente no mundo e, por isso, adequar as suas práticas pedagógicas para que elas se ponham a serviço desse propósito formativo. Nessa perspectiva, a autora comenta a respeito do destaque que vem sido conferido à pedagogia de projetos, vista como uma possível alternativa à tradição de um modelo de ensino conteudístico hegemônico na história da educação brasileira, o qual preconiza a aquisição de saberes enciclopédicos e a apreensão de informações, fórmulas e regras, tornando o aluno um depositário de conhecimentos. É em tal contexto que ganhou força o ensino de Português que privilegia a análise das regras de uso do sistema linguístico, ancorado numa perspectiva teórico-metodológica que restringe o trabalho com a linguagem em sala de aula às questões de ordem gramatical.

Admitindo o caráter vivo da linguagem e da escola e reconhecendo que esta é um lócus formativo de cidadania do alunado, compreende-se que o âmbito escolar, no que concerne ao ensino de Português, adquire o estatuto de agência de letramento (MARTINS, 2012, p. 93), concebendo, por meio do trabalho com textos relacionados às vivências de seu corpo discente, práticas que perpassam questões próprias a esses estudantes, tocando no que lhes é subjetivo e idiossincrásico. A atividade educativa passa a ser centrada no aluno, viabilizando que ele adquira autonomia para se tornar um sujeito capaz de agir sobre o conhecimento, sobre si e sobre o mundo. Essa concepção alicerça a proposta de desenvolvimento de projetos didáticos no ensino de língua materna, que visa ao aprimoramento de competências para a realização de práticas languageiras que permeiam as esferas sociais pelas quais o discente circula. Esses atos de linguagem se realizam em textos,

os quais se configuram em gêneros textuais. Os gêneros, por sua vez, operam como ferramentas de interação sociodiscursiva, de modo que devem ser didatizados para que os alunos possam se apropriar deles e utilizá-los não apenas dentro da escola, mas em sociedade.

Nesse movimento articulador de práticas sociais pertencentes à realidade dos estudantes com as atividades desenvolvidas por eles na escola, consideramos a realização de pesquisas na escola uma possibilidade produtiva para o desenvolvimento de competências que ampliem os saberes do educando, inclusive no que tange ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Conforme Bagno (2009), entendemos que a atividade de pesquisar está presente no nosso cotidiano, inclusive nas práticas escolares, e que ensiná-la sistematicamente é promover aos alunos a oportunidade de angariar conhecimentos acerca de questões pelas quais se interessem e que dialoguem com os seus conhecimentos e suas histórias de vida. Para o autor, é papel do professor agir como mediador do aluno com o conhecimento, ensinando-o a aprender a fim de que ele se torne autônomo e se desvincule da tutela da escola, haja vista que seu processo de construção de saberes é ininterrupto.

Sustentado por uma concepção de ensino de Português que inova por incentivar o protagonismo do aluno ao lhe propiciar a oportunidade de ampliar seus conhecimentos através de atividades de pesquisa relacionadas com os seus interesses e que dialoguem com práticas de linguagem – portanto, práticas sociais realizadas por meio de gêneros textuais –, o objetivo deste trabalho é analisar os resultados de uma experiência de ensino-aprendizagem do gênero projeto de iniciação científica no 9º ano do ensino fundamental realizada no contexto de aulas de língua materna. Apresentamos uma proposta de didatização do gênero projeto de pesquisa científica realizada com uma turma de ensino fundamental a fim de discutir as potencialidades de trabalho sistemático com a pesquisa em Língua Portuguesa no ensino básico.

O presente estudo surgiu com base em uma experiência de estágio curricular da graduação na Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal de Pernambuco (doravante, UFPE), em que o licenciando estagiário teve de desenvolver e implementar um projeto didático relacionado ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa com uma turma do nível fundamental. Por meio da realização de uma diagnose do campo de estágio e do grupo-classe, além do diálogo com as professoras responsáveis pela supervisão e pela orientação do estagiário, propôs-se um trabalho que tomasse problemáticas referentes à linguagem como objetos de estudo. Visou-se, pois, incentivar o alunado a assumir protagonismo no desenvolvimento de atividades investigativas de cunho científico que se

relacionassem com conteúdos linguísticos que estavam sendo trabalhados por eles ao longo do ano letivo e que, de algum modo, dialogasse com as subjetividades do corpo discente.

1. Na perspectiva da interação social: situando o ensino de língua materna em contextos de uso dos gêneros do discurso

Como argumento teórico deste trabalho, destacamos o fenômeno da interação social e histórica como constitutivo da linguagem. Nesse caminhar, aderimos aos pressupostos de Volóchinov (2017) no tocante a sua defesa de que o princípio metodológico para os estudos da língua envolve a observância das formas e dos tipos de interação verbal em relação com as suas condições concretas de enunciação. Interligado a esse pensamento, afiliamo-nos à Teoria dos Gêneros do Discurso (Bakhtin, 2003) para a qual o funcionamento da linguagem tem a sua concretude nos gêneros do discurso os quais são elaborados e usados sócio-historicamente em virtude dos requerimentos comunicativos das diversas esferas de uso social da língua. Ainda compõe o quadro teórico, aproximando-se do campo da educação, proposições dos trabalhos de teóricos e pesquisadores brasileiros de visão sociointeracionista, como Antunes (2014, 2003), Bagno (2007, 2000), Geraldi (2006), Marcuschi (2008), Marcuschi (2010), Mendonça (2005), para quem os gêneros textuais são potencialmente afeitos a serem tomados como objetos de ensino-aprendizagem de língua na escola.

Para Volóchinov (2017), a ideologia e a dialogia são elementos estreitamente peculiares à interação sócio-histórica de linguagem. Para o estudioso, as representações simbólicas atravessam a vida social e essas possuem um papel de realce na composição sociopolítica do homem e dos seus sistemas ideológicos, estando a alteridade no seio da relações e negociações de sentidos dos sistemas semióticos:

Em sua essência *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das *inter-relações* do *falante com o ouvinte* (2007, p. 205).

Em consonância com a filosofia da linguagem de Volóchinov, Bakhtin (2003), arrazoa que os gêneros do discurso estão vinculados ao cerne de funcionamento da linguagem. Para pensador, fala (interação) é organizada pelos gêneros, sem os quais a comunicação humana não ocorreria: enunciados característicos, de estabilidade relativa, são construídos

historicamente em cada esfera de atividade humana, sobretudo, em razão das relações sociais que se estabelecem entre os grupos e dos propósitos que estes possuem ao interagir. As escolhas do que se diz articula-se ao uso de um gênero, oral ou escrito, adequado aos propósitos dos interlocutores e à situação concreta de enunciação. São, pois, as nuances enunciativas que consolidam ou flexibilizam a estabilidade dos gêneros do discurso quanto às suas características socialmente reconhecidas associadas ao conteúdo temático, aos elementos composicionais e às expressões estilísticas previsíveis historicamente.

Das proposições bakhtinianas, para o contexto pedagógico do ensino de língua materna, trazemos que os gêneros: permeiam toda atividade humana de linguagem verbal; apresentam-se em número incontável, fruto da complexidade das esferas da comunicação nas quais se realizam; são susceptíveis a mudanças e evoluções, pois inserem-se no processo histórico ininterrupto de transformações; apresentam, pois, princípios básicos complementares de identidade (associado ao passado e à repetição), e diferença (associado ao futuro e à inovação). Com tal percepção, as propostas de didatização dos gêneros compreendem que na situação concreta de interação, o gênero em curso singulariza, - no seu conteúdo, composição e estilo -, as particularidades da comunicativa sócio-histórica em curso, dessa feita observam os graus de estabilidade desses, enfatizando nos estudos desde aqueles mais estabilizados até os mais indefinidos ou em processo de (trans)formação.

Distanciando-se de uma visão de linguagem verbal enquanto código homogêneo, na vertente do entendimento da concepção de língua enquanto interação sócio-histórica, o seu ensino ganha contornos didático-metodológicos que partem das situações concretas de enunciação, da recepção e produção simbólicas, bem como da constituição da alteridade e subjetividade humana, para a abordagem das formas em razão dos propósitos do dizer, e não o inverso.

Como bem observa Antunes (2003), - não se distanciando das discussões Geraldi (2006), Marcuschi (2010), Marcuschi (2008), Mendonça (2005) -, o ensino de língua que se apropria da dimensão interacional da linguagem toma o texto, considerando o seu contexto de produção/recepção como objeto de ensino:

(...) a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos. É, pois, esse o núcleo que deve se constituir ponto de referência quando se quer definir todas as posições pedagógicas, sejam os objetivos, os programas de estudo e pesquisa, seja a escolha das atividades e da forma particular de realizá-las e avaliá-las (ANTUNES, 2003, p.42).

Na perspectiva enunciativa, tendo como centralidade o texto e seu contexto de interação, o ensino de língua materna aporta-se em atividades de leitura, compreensão e interpretação, bem como produção oral e escrita, além de reflexão metalinguística, estando a noção de gênero textual como basilar para o entendimento das práticas de comunicação sociointerativas situadas.

É nesse caminhar que propusemos a implementação de um projeto de ensino com o gênero textual “projeto de iniciação científica” com o trabalho pedagógico com língua materna na educação básica. Visamos a, pois, promover momentos de (re)construção de sentidos dos sujeitos que ensinam e aprendem na escola. Com o entendimento do gênero como enunciado de relativa estabilidade que se materializa em textos empíricos, a análise e produção desses implicam na reflexão sobre os efeitos de sentido que permeiam os usos linguísticos nas situações sociointerativas.

1.1. O gênero projeto de iniciação científica e seus sentidos em sala de aula

O projeto de iniciação científica é um gênero do discurso usado em situações de interação típicas das esferas sociais de pesquisa, como a universitária, por exemplo. Também se encontra bastante presente no âmbito escolar como parte do processo de ensino-aprendizagem de vários componentes curriculares. Nesses contextos, o desenvolvimento de um projeto intenciona a iniciação de sujeitos, estudantes da graduação ou da educação básica, na prática científica, contribuindo para sua formação acadêmica.

A produção e o desenvolvimento de um projeto dessa natureza ainda objetiva a aprendizagem por parte do estudante de métodos e técnicas voltados para o universo da cultura científica, e também o aperfeiçoamento do pensar científico. Além disso, a construção de conhecimentos, com base na articulação teoria-prática para resposta aos problemas de pesquisa levantados, é propósito singular desse gênero. Ademais, participando desse processo formativo, os estudantes estarão mais bem preparados para desafios futuros como a atuação enquanto pesquisador, docente ou profissional que tenha a pesquisa como objeto das suas ações.

Por ter caráter de iniciação, os projetos estão sob orientação de professor/pesquisador experiente. Esse não apenas é o primeiro leitor do texto, como também, em alguns casos, como autor do próprio projeto que será desenvolvido pelos estudantes. Nesse sentido, a coautoria estudante e professor/pesquisador é bem comum na produção do gênero. Mesmo

quando o primeiro é o autor principal, cabe ao orientador contribuir com a produção realizando questionamentos, adendos, correções, a fim de que o projeto de iniciação científica atenda aos seus objetivos comunicativos. É nesse sentido que Bagno (2000), tratando da pesquisa na escola, defende que antes que se peça para os estudantes fazerem por si só uma pesquisa é importante que o professor mostre-os como esse tipo de trabalho é realizado, partindo dos temas que despertem os seus interesses.

Quando institucionalizados e submetidos a bolsas de iniciação científica, desenvolvidos nas mais diversas áreas do conhecimento, - como Exatas de da Terra, Biológicas, Agrárias, Humanas, Engenharias, Saúde, Letras e Artes -, os projetos podem circular em diferentes centros acadêmicos de instituições de ensino superior, sendo lidos por bancas avaliativas. Já nas escolas, é mais comum que circulem entre coordenadores pedagógicos e professores para conhecimento, aprovação e implementação de ações educativas científicas no espaço escolar, e o resultado da pesquisa, posteriormente em gênero “relatório” ou outro, divulgado para a comunidade escolar em feiras científica ou feiras de conhecimentos. A produção gerada pela pesquisa desenvolvida também poderá ser socializada em congressos ou encontros similares, extrapolando-se à sociedade ainda mais, o conhecimento construído na iniciação científica.

Em relação ao seu conteúdo, os projetos versam sobre temáticas diversas, conforme a área de conhecimento com a qual se articulam. A organização composicional do gênero está intimamente ligada à natureza desse conteúdo: no esquema de sua estruturação observam-se seções importantes de constituição, muitas delas expressas em manuais de metodologia científica (tal LAVILLE & DIONNE, 1999; ou LAKATOS & MARCONI, 1992) ou orientadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) (como NBR 15287/2005). A NBR citada, por exemplo, destaca enquanto elementos constitutivos do projeto: a) Capa (elemento obrigatório); b) Folha de rosto (elemento obrigatório); c) Lista de ilustrações (elemento opcional); d) Lista de tabelas (elemento opcional); e) Lista de abreviaturas e siglas (elemento opcional); f) Sumário (elemento obrigatório); g) Corpo do texto (elemento obrigatório): Introdução / Referencial teórico / Metodologia / Recursos humanos / materiais e financeiros (quando necessário) / Cronograma; h) Referências (elemento obrigatório); i) Apêndices (elemento opcional); j) Anexo (elemento opcional).

Alguns órgãos de fomento apoiam projetos de iniciação científica, como é o caso do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ou da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que possuem programas

específicos na área, tal o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Esses órgãos, nos seus editais, apresentam normas composicionais esperadas para produção do gênero, em geral pautadas na ABNT, tendo essas caráter avaliativo. Isso contribui para a estabilização do gênero em formas relativamente mais rígidas de organização do conteúdo e da estrutura composicional e estilística. No contexto, escolar, todavia, essas normas são menos rígidas, havendo maior espaço para professores e estudantes realizarem adaptações às suas necessidades pedagógicas e sociocomunicativas.

Em cada uma das seções do gênero do discurso, são esperadas informações específicas e formas estilísticas apropriadas. Exibimos algumas seções de destaque:

Na introdução, apresenta-se a delimitação do tema e, com, base nesse, formula-se uma questão que envolve intrinsecamente uma dificuldade teórica ou prática, para a qual se deve encontrar uma solução: o problema de pesquisa. É comum ainda na introdução se levantar hipóteses: conjecturas elaboradas com o intuito de se explorar o que se desconhece. Com o desenvolvimento do projeto, as hipóteses serão testadas em sua validade. Além disso, os objetivos, geral e específicos, do estudo científico também são exibidos nessa seção introdutória, pois se faz preciso se anunciar a aspiração com o desenvolvimento da pesquisa e quais os resultados almejados. Por fim, uma justificativa sobre os motivos de natureza teórica ou prática que fundamentam a pesquisa ainda é parte do conteúdo introdutório.

O referencial teórico comporta a revisão de literatura acerca do tema de pesquisa. Evidenciam-se as concepções, as proposições e os pensamentos de um corpo de autores que articulam numa linha argumentativa que visa a evolução temática. As citações textuais, diretas ou indiretas, com referência a tais estudiosos cumprem com o papel de fundamentar o estudo, conferindo efeito de discurso de autoridade.

Na metodologia, o “como” está em foco: nessa seção, indicam-se os procedimentos para se desenvolver a análise. Exposição sobre a natureza da pesquisa, a escolha do objeto de estudo, a técnica de coleta e a técnica de análise de dados permeiam os métodos e técnicas a serem implementados. Por seu turno, no cronograma, mostram-se as etapas do trabalho e o período de realização de cada uma delas. Já nas referências, as fontes consultadas para realização do trabalho são identificadas, em geral, seguindo normas expressas pela ABNT.

É imperativo que a linguagem usada na escrita do projeto, pelo contexto de circulação do gênero, seja guiada pela formalidade e pelo rigor à norma culta da língua portuguesa. Espera-se que a exposição, descrição e argumentação das ideias sejam realizadas de maneira explícita, clara, objetiva, compreensível, articulada à dimensão conotativa do discurso.

A abordagem pedagógica do projeto de iniciação científica na escola, considerando as situações concretas de comunicação e as condições de leitura-escrita-análise linguística a essas articuladas, pode promover o desenvolvimento de competências de linguagem significativas para inserção dos estudantes na comunidade letrada, especialmente na esfera social científica. Bagno (2000) observa que o trabalho de pesquisa no âmbito da educação básica permite se ensinar a aprender: criar possibilidades para que o estudante aproxime-se das fontes de conhecimento à disposição em comunidade; bem como orientá-lo para o apuro da visão crítica sobre as fontes de informação.

O estudioso assinala que a pesquisa científica propõe-se a obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto singular e delimitado, justificando a sua importância na sala de aula, visto que esse tipo de pesquisa faz-se presente nas ações do dia a dia e, sobretudo, articula-se ao desenvolvimento da ciência, ao avanço tecnológico, bem como ao progresso intelectual do estudante/ professor/ pesquisador.

2. Metodologia

Esta pesquisa consiste em um estudo qualitativo de caráter descritivo-analítico dos resultados apresentados. Foi desenvolvida numa escola pública federal de educação básica, no âmbito das aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do ensino fundamental no ano de 2015. Entre os **sujeitos** da pesquisa estão a professora-supervisora do Colégio e o licenciando regente, que aplicaram colaborativamente o projeto de ensino, bem como atuam enquanto pesquisadores, realizando um processo de ação-reflexão com perspectiva de qualificação de novas abordagens pedagógicas.

A professora-supervisora é doutora em Letras, com ênfase em Linguística. Licenciada em Letras em 1996, atua no Colégio há 13 anos. Além do ensino na Educação Básica, atua em atividades de orientação de projetos de pesquisa, monitoria, supervisão de estágio, bem como desenvolve projetos de pesquisa/extensão e ações de gestão na instituição. O licenciando regente, no momento de realização da pesquisa, era graduando no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal de Pernambuco, cuja matriz curricular compreendia quatro disciplinas voltadas à realização de estágios. O presente estudo foi realizado durante o cumprimento da disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Português 3, em que os professores em formação precisam elaborar e reger, em uma turma de Ensino Fundamental,

projetos didáticos que, por meio do trabalho com gêneros textuais, articulem os eixos de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Além desses sujeitos também estava envolvido na pesquisa o grupo-classe do 9º ano do Ensino Fundamental em que se realizou o processo de estágio. A turma era composta por 27 alunos – 13 meninos e 14 meninas –, os quais estavam compreendidos na faixa etária de 14 a 15 anos e eram, majoritariamente, oriundos de famílias economicamente privilegiadas, de modo que tinham fácil acesso a diversos bens de consumo. Os estudantes possuíam um nível de formação acadêmica adequada às expectativas do estágio de aprendizagem em que se encontravam, apresentando proficiência em leitura, escrita e oralidade.

Como **campo de pesquisa**, o estudo foi realizado no Colégio de Aplicação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Com 60 anos de história, o Colégio de Aplicação (doravante, CAp) foi criado pela Universidade com o propósito de servir como campo de estágio, inicialmente, da licenciatura em Filosofia, e, paulatinamente, tornou-se campo de estágio privilegiado da UFPE nas licenciaturas diversas. Nesse contexto, assume o compromisso institucional com a formação docente inicial, contribuindo com a problematização das questões intervenientes nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação no âmbito da educação básica, num estreito diálogo Universidade-Escola na ação e reflexão da teoria acadêmica e a prática de ensino em sala de aula. O Colégio possui 420 estudantes, sendo esses distribuídos em 14 turmas de com média de 30 alunos. Ao todo há 60 alunos de cada ano-série: 6º ano 9º ano do Ensino Fundamental e 1ª a 3ª série do Ensino Médio.

Como já mencionado, o presente estudo contempla a primeira parte da realização de um estágio curricular realizado em dupla em uma turma de 9º ano. Conforme orientados pela professora-orientadora da disciplina de estágio do curso da graduação em Letras, os licenciandos foram acolhidos no CAp pela professora-supervisora encarregada do grupo-classe, com quem elaboraram um projeto didático voltado às especificidades da turma, a qual haviam acompanhado durante algumas horas de observação prévia à elaboração das atividades. Dado o fato de o Colégio viabilizar oportunidades profícuas de realização de pesquisas científicas no Ensino Médio, fase do processo formativo em que o grupo-classe ingressaria no ano seguinte ao da realização da pesquisa, propôs-se que os estagiários trabalhassem com os gêneros projeto de pesquisa, banner e comunicação oral, apresentando o campo das investigações científicas em Língua Portuguesa ao alunado. O recorte estabelecido para a discussão presente neste trabalho compreende as atividades realizadas pelo primeiro

licenciando, que desenvolveu projetos de pesquisa com a turma, os quais se desdobraram em estudos que, uma vez realizados, foram divulgados para a comunidade escolar e acadêmica em eventos de culminância: a Feira Científica do CAp e uma mostra de estudos realizadas pelos estagiários e a professora-supervisora.

Como **instrumentos** de coleta de dados estão: o plano de ensino formulado pelos regentes no diálogo com os responsáveis pela supervisão e pela orientação do estágio; os materiais pedagógicos usados para ministrar as aulas; os registros de observação de aula (20h); as atividades realizadas para a produção dos projetos de iniciação científica; e os projetos de iniciação científica produzidos pelos estudantes.

Como **categorias de análise**, destacam-se: a apropriação dos estudantes sobre a função social do gênero projeto de pesquisa científica; a articulação dos elementos composicionais frequentes no gênero trabalhado com os recursos linguísticos que estruturam esses aspectos formais; o reconhecimento dos estudantes da relação entre os gêneros produzidos e as práticas sociais desenvolvidas nos campos escolar e acadêmico; e as potencialidades do trabalho com a pesquisa científica em Língua Portuguesa no ensino básico.

3. Resultados e discussão

A fim de elucidar a realização do estágio previamente descrito em linhas gerais, consideramos fulcral ampliar a contextualização do trabalho exercido pelos estagiários regentes e pela professora-supervisora. Dada a natureza do CAp como ambiente de formação inicial dos licenciandos da UFPE, a inserção do Colégio na Universidade não se dá apenas geograficamente, de modo que há grandes incentivos ao diálogo entre a escola e a academia. Nesse cenário, a própria instituição escolar se reconhece como um locus viabilizador da realização de pesquisas científicas, algo que é realizado bastante comum no âmbito do Colégio, seja por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio (PIBIC-EM) ou através de demais projetos que envolvam pesquisa e extensão.

Haja vista que essa cultura escolar costuma abranger, majoritariamente, alunos que estão no nível médio de ensino, o qual seria iniciado pelo grupo-classe no ano posterior àquele em que se deu a execução do projeto didático, os licenciandos e a professora-supervisora planejaram as suas atividades visando à apresentação do universo de pesquisas acadêmicas aos estudantes, focalizando a Língua Portuguesa e a Literatura como objetos de

investigação. Desse modo, pretendia-se desconstruir o conceito fortificado pelo senso comum de que a pesquisa científica é praticada apenas nas ciências exatas e naturais. Considerou-se, também, que os projetos desenvolvidos pelo alunado poderiam ser efetivamente postos em prática e divulgados em eventos de culminância, dentre eles, a Feira Científica do CAp, evento anual em que os estudantes apresentam trabalhos científicos para os seus pares, para a comunidade acadêmica e para demais visitantes. Desse modo, o trabalho realizado reconheceria a necessidade de as produções dos alunos circularem efetivamente, reforçando a compreensão da produção de texto como prática social (MARCUSCHI, 2010) e viabilizando que o ensino de língua materna se desse para além do conhecimento metalinguístico, priorizando o desenvolvimento de competências linguísticas a fim de ampliar o horizonte sociointerativo do alunado.

É importante ressaltar que, previamente à regência das aulas, o estagiário realizou uma diagnose durante 24 horas/aula do grupo-classe, além de ter participado de reuniões com a professora-supervisora a fim de construir o projeto de ensino-aprendizagem junto a ela, articulando-se com o planejamento desenvolvido pela docente para o trabalho com conteúdos linguísticos, de modo que a experiência de estágio pudesse dialogar com o que havia sido e seria construído com a turma.

O quadro a seguir sintetiza a realização do planejamento das atividades a serem desenvolvidas pelo licenciando regente:

Carga horária	Eixos de ensino trabalhados	Competências linguísticas a serem construídas
9h	Leitura e Análise Linguística	• Reconhecer a composição formal, os lugares de circulação e os propósitos comunicativos do gênero projeto de pesquisa científica; • Atentar para o uso de interdiscursos na criação dos posicionamentos do autor de um projeto de pesquisa científica; • Analisar problemáticas geradoras de questões a serem respondidas por pesquisas científicas e efeitos de sentido provocados pela estruturação desses enfoques investigativos; • Compreender o uso de verbos no infinitivo em orações substantivas enfatiza as ações que serão realizadas e omite a presença do agente dessas atividades; • Observar o uso de recursos textuais, em especial, os

		verbo dicendi, na referenciação aos discursos de outros autores e os efeitos de sentido gerados por eles na fundamentação do discurso do produtor de um projeto de pesquisa.
11h	Produção Textual e Análise Linguística	• Produzir o gênero projeto de pesquisa científica atentando para suas características formais e estruturais e sua função social; • Refletir sobre a adequação dos textos produzidos ao gênero projeto de pesquisa científica, avaliando-as segundo critérios pré-estabelecidos; • Reconhecer e ajustar eventuais inadequações de produção dos textos desenvolvidos pela sala a partir da avaliação do outro grupo e dos regentes.

É importante ressaltarmos que, tal como na perspectiva teórico-metodológica proposta por Geraldini (1984a) e discutida por Bezerra e Reinaldo (2013), a prática de análise linguística é pensada e efetuada articuladamente às atividades de leitura e produção de texto, como um eixo que as perpassa e orienta. O trabalho de ordem metalinguística está situado a serviço do aprimoramento de capacidades de ler e produzir textos, não ocorrendo sem que haja um contexto que faça emergirem questões de ordem mais relacionada ao sistema da língua.

Uma vez apresentados ao grupo-classe pela professora-supervisora, os graduandos expuseram o cronograma de atividades que haviam elaborado à turma, alinhando questões referentes ao que seria desenvolvido ao longo do estágio. Em seguida, o licenciando regente responsável pelo trabalho com o primeiro momento do estágio³ apresentou a pesquisa científica como tema-chave que mobilizaria o projeto. O estagiário solicitou à turma que tentasse conceituar o termo *pesquisa* e que elencasse situações cotidianas reconhecidas como atividades de pesquisa, de maneira que os alunos foram mobilizados a resgatar seus conhecimentos prévios na construção de novos saberes. As falas dos estudantes partiram de situações relacionadas às suas vidas cotidianas, compreendendo pesquisas escolares, sondagens de preços de um produto para encontrar o lugar mais vantajoso para comprá-lo, dados sobre um político para votar nele, curiosidades sobre uma celebridade etc. As respostas foram sistematizadas no quadro pelo licenciando, que provocava a turma com

³ Nas disciplinas de estágio da graduação em Licenciatura em Letras – Português da UFPE, a organização dos estagiários e o modo como eles atuarão em sala de aula dependerá de fatores diversos, como as orientações e requerimentos feitos pelo docente encarregado da disciplina na Universidade, o diálogo com o professor-supervisor que receberá o(s) estagiário(s) na escola-campo e as regras específicas de cada instituição que servirá de locus de estágio. No caso do CAp, exige-se que os licenciandos deem aula separadamente ainda que trabalhem em duplas na elaboração de projetos e em demais atividades.

questionamentos sobre ações que poderiam ser consideradas como uma atividade de investigação. Uma das estudantes sugeriu que se utilizasse um dicionário online para socializar e discutir o conceito de pesquisa, algo que permitiu que o estagiário suscitasse uma reflexão sobre a atividade de metainvestigação.

Outro fator que auxiliou a turma na discussão foi o fato de que, nos anos iniciais da vida escolar no CAP, os alunos haviam tido uma disciplina referente à realização de pesquisa⁴, fato que havia sido levado em conta pelos professores na elaboração do projeto didático e que favoreceu a contribuição dos alunos na interação com o estagiário. Não foi difícil para que alguns discentes atingissem a expectativa de aprendizagem estabelecida pelos docentes, reconhecendo que a pesquisa, independente de sua natureza, surge para tentar responder um questionamento.

Na sequência, o licenciando regente propôs um afunilamento da discussão, guiando-a para a abordagem das pesquisas que estão relacionadas com o âmbito científico. A turma apresentou um pouco de hesitação diante do novo tópico enfatizado, mas logo voltou a participar. Um dos alunos falou que imaginava que a pesquisa não era algo preso apenas aos laboratórios ou a uma universidade, mas afirmou que não sabia estruturar uma resposta mais de modo mais preciso e articulado. Quando o grupo-classe foi questionado sobre a escola ser um local profícuo para a realização de pesquisa científica, uma das alunas resgatou a experiência com a disciplina de pesquisa e relatou uma experiência de participação em uma edição da FEBRAT (Feira Brasileira de Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas), apresentando uma pesquisa junto a um professor. Isso fez com que, lentamente, a turma se engajasse mais, rememorando outras oportunidades de realização de pesquisa científica que eles conheciam. Um aluno citou uma experiência com a robótica desenvolvida por uma professora de Física, e a professora-supervisora foi convidada a comentar um pouco sobre sua experiência de orientadora do PIBIC-EM, tendo em vista que a turma não havia ouvido falar sobre essa oportunidade viabilizada pelo colégio.

Desse modo, o estagiário aproveitou a fala da professora para confrontar os alunos a respeito da realização de pesquisas científicas em Língua Portuguesa. Os alunos foram questionados sobre a possibilidade de feitura dessas pesquisas e sobre eventuais contextos em que elas poderiam ocorrer. No processo de levantamento de respostas, o grupo-classe afirmou que essa natureza de atividades investigativas poderia averiguar questões históricas de

⁴ De acordo com os relatos dos estudantes, a referida disciplina fora ministrada durante o segundo ano deles na instituição, a saber, o sétimo ano do Ensino Fundamental.

mudança de escrita e de léxico. Quando questionados sobre outras possíveis práticas de pesquisa, o licenciando-regente e a turma elencaram outros possíveis campos de investigação.

Assim, apresentou-se de modo mais sistemático o projeto que os licenciandos e a professora haviam desenvolvido: nas aulas seguintes, os discentes se dividiriam em trios para realizar atividades relacionadas à produção de pesquisa científica no ensino básico. Primeiro, leriam projetos de pesquisa a fim de que pudessem se apropriar da função social que o gênero exerce e reconhecer aspectos composicionais que o estruturam para, em seguida, serem orientados pelo licenciando regente e pela professora-supervisora na produção dos seus respectivos projetos. As propostas de estudo desenvolvidas pelos alunos seriam efetivamente postas em prática e transformadas em outros gêneros de divulgação científica⁵ – a comunicação oral e o banner –, que, sob a regência do segundo estagiário, viriam a ser produzidos a fim de que a turma pudesse circular os resultados de suas investigações.

A escolha pela divisão da turma em trios se deu pelos seguintes propósitos: a) atenuar um provável estranhamento do gênero projeto de pesquisa por parte dos estudantes, fazendo-os discutirem com os seus pares durante a leitura dos textos levados pelo estagiário antes que ele sistematizasse o debate com todo o grupo-classe; b) promover uma familiarização dos discentes com a prática da escrita colaborativa, que é bastante comum na produção de textos científicos; c) aglutinar a quantidade de projetos de pesquisa a serem desenvolvidos, de modo que os estagiários e a professora-supervisora conseguissem dar conta da orientação de todos os projetos, algo que não aconteceria caso a turma fizesse vinte e sete pesquisas individuais; e d) viabilizar práticas de auto e coavaliação entre os alunos, cujos grupos teriam de analisar os textos produzidos pelos colegas, assim como as próprias produções.

Desse modo, as aulas subsequentes foram dedicadas à leitura e à discussão de dois projetos de pesquisa levados pelo licenciando. Tendo em vista que o projeto de pesquisa científica é um gênero de circulação restrita, já que opera como ferramenta de planejamento e estruturação de atividades a serem desenvolvidas em um estudo e por ser destinado, sobretudo, a pesquisadores e a comitês avaliadores, é pouco usual encontrar modelos desse gênero disponíveis facilmente. Um exemplo disso é que a própria professora-supervisora não dispunha de seus projetos de pesquisa de PIBIC-EM. Ela possuía apenas os relatórios das pesquisas realizadas, que consistiam na sistematização das atividades depois de elas terem sido desenvolvidas. Assim, coube ao estagiário fazer um levantamento de textos que

⁵ Tais atividades foram desenvolvidas no segundo momento da experiência de estágio aqui, sob a regência de outro licenciando. Não compete ao presente trabalho pormenorizar e analisar esse segmento do projeto didático.

pudessem ser levados à turma, algo que se conseguiu por meio do contato com outros professores da universidade e de outras escolas. Ambos os projetos haviam sido propostos para concorrer ao PIBIC-EM em diferentes instituições, o que consistia em um critério estabelecido pelo estagiário e pela professora-supervisora durante a seleção dos materiais.

Os textos foram distribuídos aos trios, que receberam a instrução de ler ambos os projetos e discutir aspectos que os assemelhavam e distinguiam, como a natureza das pesquisas propostas, os princípios teóricos que fundamentaram cada estudo e o reconhecimento dos outros segmentos que compõem o gênero trabalhado, fossem eles marcados explicitamente ou não. Esperava-se, também, que os alunos pudessem reconhecer a estabilidade relativa do gênero, algo que foi consolidado, por exemplo, quando um dos grupos pontuou que o primeiro projeto separava o objetivo geral dos específicos por meio de subseções dentro do tópico concernente aos objetivos de pesquisa, ao passo que o outro texto os aglutinava numa macrosseção.

A estruturação de categorias que compõem o referido gênero, como o marco teórico que fundamenta o trabalho, a metodologia da pesquisa e o cronograma de realização das atividades propostas também foi discutida pela turma. O licenciando teve o cuidado de fazê-lo de modo a garantir que o grupo-classe se apropriasse das características de cada pesquisa organizando as seções estruturadoras do gênero, haja vista a necessidade de o professor de língua tomar cuidado para não tornar o gênero um objeto de ensino em si mesmo.

Ressaltamos que o trabalho com gêneros textuais a serviço da construção de competências linguísticas deve, também, mobilizar os conhecimentos do alunado em relação ao sistema de elementos que compõem a língua e ao estudo metalinguístico das regras e fenômenos que operam sobre e nesse sistema. No entanto, esses saberes devem ser privilegiados de acordo com os textos trabalhados com a turma, atendendo às necessidades de leitura e escrita que compuserem as aulas. Dolz e Schneuwly (2004, p. 90-91) caracterizam o gênero como um megainstrumento, funcionando tanto como ferramenta e suporte para o ensino de demais competências linguísticas quanto na condição de objeto de ensino-aprendizagem, sendo apreendido pelo alunado a partir do contato com esse gênero através de práticas de leitura e produção dele.

Uma situação do projeto didático que elucida o modo como esses conhecimentos d ordem gramatical foram trabalhados foi o momento em que um dos discentes disse que o título de um dos projetos dispunha de um aposto enumerativo que elencava palavras-chave da pesquisa descrita. Não obstante o aposto fosse um conteúdo linguístico situado fora do

planejamento feito pelo licenciando regente junto à professora-supervisora, a percepção do aluno fez com que uma discussão em torno desse conhecimento emergisse, levando o professor estagiário a tratar desse aspecto da língua com a turma antes de retomar a discussão sobre os projetos lidos. Em outra ocasião, dessa vez, de acordo com o que se planejava, o licenciando comentou sobre o uso do infinitivo na topicalização de objetivos da investigação, mobilizando a prática de análise linguística realizada a serviço do estudo dos textos que haviam sido levados para o grupo-classe.

Ao fim das discussões sobre os textos levados à sala de aula, um novo enfoque para debate foi proposto, concernindo à sistematização da produção de um projeto de pesquisa. Nesse momento, cada trio recebeu uma ficha de orientações de produção textual, recapitulando aquilo que fora estudado em sala acerca dos elementos necessários para a composição do gênero e apresentando direcionamentos para a realização do trabalho. Previamente, os alunos haviam recebido a orientação de levantar possibilidades de temas relacionados à Língua Portuguesa e/ou à Literatura que eles gostariam de pesquisar, uma vez que esses temas seriam desenvolvidos em seus projetos. Tal medida foi feita com o objetivo de estimular a agentividade e a subjetividade dos estudantes, garantindo-lhes a oportunidade de selecionar questões dentro dos estudos linguísticos e literários que se aproximassem de seus gostos, valorizando, assim, a heterogeneidade do grupo-classe. É importante frisar, porém, que os licenciandos e a professora-supervisora já dispunham de uma lista de temas a serem propostos para o caso de os trios não conseguirem escolher seus objetos de pesquisa.

Percebeu-se, assim, o surgimento de uma ampla miríade de temáticas: ao passo que houve um grupo estudando a romantização da pedofilia por meio da estruturação do discurso do protagonista de *Lolita*, de Vladimir Nabokov, outro decidiu analisar as práticas de leitura de cordéis na Região Metropolitana do Recife. Um ponto de convergência foi quando dois outros grupos tiveram dificuldade na escolha de uma temática, recorrendo ao estagiário e à professora-supervisora em busca de orientação para delimitar os seus objetos de estudos. Ambos os trios eram compostos por alunos reconhecidos por seu interesse em jogos online, em especial, o *League of Legends*. Foi-lhes, assim, proposto que trabalhassem com os estrangeirismos e as abreviaturas nas conversas que compunham o corpo verbal das interações em chat durante partidas do jogo, de maneira que os discentes foram levados a perceber que toda situação de uso da linguagem pode ser tomada como objeto de análise.

O estagiário solicitou que os estudantes, ao apresentar seus projetos, trouxessem referências que comporiam o lastro teórico a subsidiar as investigações que seriam realizadas.

Havia a expectativa de que o alunado não tivesse tanta familiaridade com textos acadêmicos, de modo que parte do processo de seleção de alguns deles teria de ser feito pelo licenciando regente, assim como outros materiais – por exemplo, a obra *Lolita* precisou ser disponibilizada para que o grupo que a analisaria pudesse lê-la. Tal como aponta Bagno (2009), nessas situações, é necessário que o professor seja o mediador do aluno ao conhecimento, apresentando-lhe os caminhos e instrumentos mais adequados para que ele possa realizar as suas atividades de pesquisa. Coube, portanto, ao licenciando a tarefa de orientar os discentes a encontrarem plataformas adequadas para conseguir certas informações, recomendar literaturas que servissem para o estabelecimento de um marco teórico sólido para os projetos de cada aluno etc.

Durante um período de seis horas-aula, a turma realizou a produção dos projetos em sala, reunida, a fim de que pudesse ser orientada durante o processo de escrita do gênero trabalhado. Assim, poderiam contar com o apoio do estagiário regente para solucionar dúvidas em tempo hábil e trabalhar de forma que possibilitasse a participação coletiva, garantindo a contribuição de cada estudante para a realização do trabalho de seu grupo. Ao fim de cada encontro, era reservado um momento para que os trios socializassem aquilo que havia produzido, e os outros grupos eram estimulados a comentar o próprio trabalho e os estudos dos colegas, garantindo que a avaliação das atividades não ficasse centrada nos estagiários e na professora-supervisora e reafirmando o papel dos alunos na realização de críticas construtivas sobre os textos dos colegas e, também, dos próprios textos. Concordamos com Gomes (2012) quando a autora apresenta as práticas de auto e coavaliação como práticas que descentralizam do professor a responsabilidade pelo ato de avaliar, que passa, também, a ser atribuída ao alunado, o qual, por sua vez, torna-se regulador e apreciador crítico do próprio trabalho.

Assim, ao final da escrita da primeira versão do projeto, cada grupo entregou o seu texto com o intuito de que ambos os estagiários pudessem lê-las e discuti-las, visto que a ação conjunta no planejamento e na análise das aulas era um processo componente da disciplina de estágio curricular da Licenciatura em Letras/Português da UFPE. Antes da entrega dos textos, porém, cada grupo recebeu o trabalho de outro grupo e uma ficha de critérios preestabelecidos de acordo com os aspectos considerados essenciais num projeto de pesquisa científica. Tal como aponta Régnier (2002), o professor precisa agir para ensinar os seus alunos a se autorregularem, compreendendo como o processo avaliativo se dá para que possam atuar

efetivamente nele. Assim, os alunos avaliaram os próprios textos e daqueles produzidos por seus pares, entregando a ficha e a primeira produção para serem, ambas, avaliadas.

Quando os trabalhos foram devolvidos, os alunos receberam orientações para a realização de um processo de reescrita, que seria realizado parcialmente na sala de aula e, em outro momento, em casa. Fiad (2009) afirma que o termo *reescrita* remete tanto à realização de ajustes pontuais em um texto, realizando operações com a linguagem para adequá-lo a certo objetivo comunicacional, quanto à natureza interativa que um texto estabelece para com o seu autor, os seus leitores e outros textos, dizendo que “escrever é sempre reescrever”. Compreendemos, pois, que a escrita, compreendida como prática sociodiscursiva, compreende um processo de interação com o texto, que não é visto como um produto acabado, encerrado em si mesmo.

É de suma importância compreender que a avaliação e as indicações para a reescrita textual não podem se resumir a uma higienização do texto, isto é, a um processo de correção de ordem gramatical. Ao ser avaliado, espera-se que o aluno compreenda em que pontos cometeu eventuais desvios em relação aos aspectos temáticos, estilísticos e composicionais do gênero trabalhado. Aspectos como a adequação da linguagem aos leitores e à situação comunicativa, validade das propostas desenvolvidas por cada trio em seu fazer investigativo, a estruturação discursiva dos elementos componentes de seus projetos de pesquisa são alguns dos pontos para os quais os alunos precisam atentar quando se deparam com o momento de reelaboração textual.

Assim, nas aulas subsequentes, o licenciando mediou o processo de reescrita, reunindo-se com cada grupo a fim de oferecer as orientações necessárias para que os trios pudessem fazer os ajustes conceituais, estilísticos e formais de seus trabalhos. Uma vez que todos os trios atingiram os critérios de avaliação previamente estabelecidos pelo estagiário regente e pela professora-supervisora, as produções dos alunos foram debatidas com o propósito de serem desenvolvidas em pesquisas reais, as quais se desdobrariam numa cadeia de gêneros textuais e, portanto, de práticas de linguagem que perpassariam o cotidiano escolar.

Considerações Finais

O projeto de ensino com o gênero “projeto de iniciação científica” na educação básica possibilitou o estudo em condições concretas de uso da linguagem verbal, em atividades que priorizaram o texto como objeto de ensino, estando a leitura e análise textual, bem como a produção escrita abordadas de forma pedagogicamente colaborativa e interativa.

Os estudantes demonstraram compreender que as formas do dizer e os sentidos que por essas são permitidos construir estão intimamente relacionados com os sujeitos do discurso e seus posicionamentos sociais, - quem diz e para quem se diz -; e ainda com os propósitos e as motivações individuais e coletivos no âmbito de uma esfera social de circulação - com que objetivo se diz e para que se diz. Observaram, pois, as características do gênero em funcionamento social.

A experiência também contribuiu para desmistificar a ideia de que a pesquisa científica é ação exclusiva de áreas tradicionais como as das ciências exatas ou da natureza, ainda presente no imaginário coletivo dos estudantes da educação básica, promovendo-se um novo entendimento dos estudos da área da linguagem.

Com o estudo, ampliaram-se as perspectivas para usos futuros desse objeto de ensino na trajetória acadêmica, consolidando-se competências de linguagem que permitam aos educandos lidar com a pesquisa científica e seus processos metodológicos de investigação em demais projetos nas diversas disciplinas da Educação Básica, além em Feira de Conhecimentos ou programas de iniciação científica institucional.

Referências

- ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras, São Paulo: Editora Ars Poética, 1996.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15287: informação e documentação - projeto de pesquisa: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.
- BAGNO, M. **Pesquisa na escola**: o que é e como se faz. 23.ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BAKHTIN, M. [1979]. Os gêneros do discurso. In: _____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 227-326.
- BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística**: afinal a que se refere?. São Paulo: Cortez, 2013.

- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Trad. e Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004, p. 71-94.
- ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- FIAD, R. S. A pesquisa sobre a reescrita de textos. **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Universidade de Évora: SLG, 2009, p. 1-9.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____ (Org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984a.
- _____. Unidades básicas do ensino de português. In: _____ (Org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984b.
- GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOMES, L. L.Z.. Produção de texto, coavaliação e autoavaliação: um relato de experiência. In: II Simposio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, 2012, Uberlândia. **Anais do SIELP**. Uberlândia: EDUFU, 2012. v. 2. p. 1-9.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia do trabalho científico. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humana. Belo Horizonte: Editora UFMG/ São Paulo: Artmed, 1999.
- MARCUSCHI, B. Escrevendo na escola para a vida. In: RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. (Orgs.). **Coleção Explorando o Ensino: Língua Portuguesa**. 1 ed. Brasília: MEC/SEB, 2010, v. 19, p. 65-84.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.
- MARTINS, M. S. C.. **Letramento, interdisciplinaridade e multiculturalismo no Ensino Fundamental de nove anos**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.
- MENDONÇA, M. Projetos temáticos: integrando leitura, produção de texto e análise linguística na formação para a cidadania. **Revista Construir Notícias**, 2005.
- RÉGNIER, J. A auto-avaliação na prática pedagógica. **Revista Diálogo Educacional**, v. 3, n.6 - p.53-68 - maio/agosto, 2002.
- VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.